

A dimensão do desastre

30 NOV 1967

Sem exceção, os governadores do Distrito Federal jamais compreenderam as funções institucionais que os distinguem, de uma maneira bastante nítida, das demais unidades da Federação. E, por efeito dessa ignorância, sempre adotaram políticas contrárias aos objetivos funcionais da Capital da República. Não se há de falar exatamente do atual governador, cujo estilo é absolutamente original, na medida em que, entre um convalesce e outro, transita entre os deleites do poder com olímpico desprezo aos problemas da cidade. Ainda agora, os urubus se transformaram em polícia sanitária, a partir do momento em que os garis, à falta de um interlocutor apto à negociação, decidiram entrar em greve.

Não há, entre aqueles aos quais se cometem as responsabilidades pela gestão pública, noção elementar de que Brasília foi criada para abrigar a burocracia estatal e as agências obrigadas a existir nas proximidades do Governo Federal, como as representações diplomáticas. Além disso, bastam à cidade a existência de um comércio capaz de suprir as suas necessidades e uma indústria emergencial, com funções de subsidiar o abastecimento procedente de áreas externas. Quando Lúcio Costa rabiscou na prancheta os limites urbanos da cidade não era outra a sua concepção, tanto que estimou sua população máxima em quinhentos mil habitantes.

Mas a imprudência humana e a incompe-

tência se associaram para produzir as deformações que hoje a Capital da República exhibe para frustração e tristeza de seus habitantes. Políticas desenvolvimentistas foram intensamente praticadas, à custa da União e, em última análise, do contribuinte, como se aqui as condições de vida e bem-estar dependessem da expansão urbana. Daí se seguiram várias consequências catastróficas. Em primeiro lugar, à força dos atrativos adicionais criados sem nenhuma necessidade, estabeleceu-se desordenado fluxo migratório, com o resultado funesto da explosão demográfica. Depois, a funcionalidade prevista no projeto Lúcio Costa entrou em colapso irremediável, em virtude das colossais pressões sobre os serviços públicos.

Para arrematar esse processo desastroso, o atual governador cuida de cercar a cidade de favelas de concreto, onde seguramente florescerão a fome e a violência, já que o mercado de trabalho não tem condições de absorver tal contingente adicional da população. Pior, geram-se novos estímulos para engrossar as correntes migratórias, cujo estancamento deveria ser um dos projetos prioritários do poder público. E, como não se tem consciência de que a grande meta de Brasília deveria ser desenvolvimento zero, para evitar essas graves distorções, o atual governador vai nos dar a dimensão maior do desastre: a construção de um metrô de superfície.

30 NOV 1967

CORREIO BRAZILIENSE